

Esta é a versão em html do arquivo

<http://www.ufrgs.br/eenf/enfermagem/disciplinas/enf03008/material/pichon.ppt>.

Google cria automaticamente versões em texto de documentos à medida que vasculha a web.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

GRUPOS OPERATIVOS

Pichón Rivière

(1907-1977)

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

DEFINIÇÃO DE GRUPO

“Grupo é um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, se propõem de forma explícita ou implícita à realização de uma tarefa, que constitui sua finalidade, interagindo para isso

através de complexos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis”.

(Adjudicação = entregar a outros o que é seu)

(Assunção = assumir o que é dos outros para si)

GRUPO INTERNO

É a reprodução ou recriação de objetos, relações e vínculos relativos a experiências passadas, geralmente associadas ao grupo primário (família).

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

GRUPOS OPERATIVOS

Grupos **centrados na tarefa** (cura, se for terapêutico; aquisição de conhecimentos, se for um grupo de aprendizagem) e que preenchem as condições dos **3 M**:

- **Motivação para a tarefa**
- **Mobilidade nos papéis a serem desempenhados e disponibilidade para as**
- **Mudanças que se fazem necessárias**

OBJETIVO DO GRUPO OPERATIVO:

Mobilizar um processo de mudança, que passa fundamentalmente pela diminuição dos medos básicos da perda e do ataque. Assim, fortalece o grupo, levando-o a uma adaptação ativa à realidade, rompendo estereótipos, redistribuindo papéis, elaborando lutos e vencendo a resistência a mudanças.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

ESTRUTURA DOS GRUPOS:

Os grupos se compõem pela dinâmica dos

3 D:

- . Depositado
- . Depositário
- . Depositante

O depositante é aquele que, não podendo assumir determinada característica sua, a deposita (o depositado) em alguém que é o depositário.

VERTICALIDADE

E

HORIZONTALIDADE:

A dinâmica dos 3 D surge pela noção de verticalidade e horizontalidade. Aquele que, ao mesmo tempo **enuncia** algo de si mesmo (verticalidade), também **denuncia** uma característica ou problema grupal, (horizontalidade), como produto da interação dos membros do grupo entre si, com o líder e com a tarefa.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

PAPÉIS QUE CONSTITUEM UM GRUPO

Madalena Freire enfatiza os cinco papéis, que, segundo Pichón, constituem um grupo:

1. Líder de mudança: é aquele que se encarrega de levar adiante as tarefas, se arriscando diante do novo.

2. Líder de resistência: puxa o grupo pra trás, freia avanços, sabota tarefas e remete o grupo sempre à sua etapa inicial. Os dois são necessários para o equilíbrio do grupo.

3. Porta-Voz: é a chaminé por onde fluem as ansiedades e reivindicações do grupo.

4. Bode expiatório: é aquele que assume os aspectos negativos do grupo; todos os conteúdos latentes que provocam mal-

estar, como culpa, medo, vergonha.

5. Os silenciosos: são aqueles que fazem com que o resto do grupo se sinta obrigado a falar, assumindo a dificuldade dos demais para estabelecer a comunicação.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

ESQUEMA CONCEITUAL REFERENCIAL OPERATIVO (ECRO)

Refere-se ao conjunto de experiências, conhecimentos e afetos com que os indivíduos pensam e agem nos grupos, e se fazem compreender entre si.

UNIDADE DE OPERAÇÃO:

É o Existente, a Interpretação e o Emergente do grupo.

O **EXISTENTE**: é a situação do grupo. Tanto o explícito quanto o implícito da situação grupal.

A **INTERPRETAÇÃO**: é a compreensão do que existe e o esclarecimento das dificuldades.

O **EMERGENTE**: é a resposta do grupo à interpretação. A desestruturação de uma situação prévia e a reestruturação de um novo ciclo.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

MOMENTOS DO GRUPO

O caminhar do grupo se processa em três momentos diferentes:

1. Pré-tarefa: o grupo foge, evita a tarefa, em função de dois meios básicos: o medo da perda do conhecido (ansiedade depressiva) e o medo do ataque do

desconhecido (ansiedade paranóide). Nesta fase, há uma grande resistência à mudança, e utilização de defesas dissociativas para a elaboração destas ansiedades.

2. Tarefa: o grupo se centraliza na tarefa, e inicia a elaboração e a superação dos medos básicos que perturbam a aprendizagem.

3. Projeto: o grupo planeja suas ações futuras.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

VETORES DOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO GRUPAL

1. Afiliação e pertencença: é o maior ou menor grau de identificação dos membros do grupo entre si e com a tarefa.

2. Cooperação: capacidade de ajudar-se

mutuamente. Mede-se pelo grau de eficácia real atingida na execução da tarefa.

3. Pertinência: capacidade de centrar-se na tarefa explícita e implícita. É medida pela capacidade do grupo de romper estereótipos, elaborar lutos, redistribuir papéis e vencer resistências a mudanças.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

VETORES DOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO GRUPAL

4. Comunicação: são as modalidades e níveis de comunicação existentes no grupo:

- . Nível oral: é a fase mais primitiva do grupo. Se mantém dependente do líder, é voraz, queixoso e com atitude de reprovação constante.

- . **Nível anal:** se alternam ciclos de expulsão e retenção, ou seja, de desavenças e reconciliações. É uma fase mais evoluída.
- . **Nível genital:** é o mais evoluído. Prevalece a capacidade de identificação e o desejo de proteger o outro da destruição, ou de reparação se o outro foi atacado.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

5. Aprendizagem: se dá em dois momentos:

1º- Soma de informações de cada integrante do grupo.

2º- Desenvolvimento de condutas alternativas diante dos obstáculos que se apresentam, rompendo formas arcaicas de comportamento.

VETORES DOS PROCESSOS DE INTERAÇÃO GRUPAL

6. Tele: é a disposição positiva ou negativa para interagir com os membros do grupo.

Terezinha Ritter, Agnes Olschowsky, Baltasar Renosi Lapis, Eglê Kohlrausch

REFERÊNCIAS

FREIRE, Madalena. O que é um grupo? In: **Paixão de Aprender.** Ano I, nº 1, dez 1991.

OSÓRIO, Luiz Carlos et all. **Grupoterapia Hoje.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, cap 8.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Grupos: Teorias e Práticas.** Acessando a Era da Grupalidade. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, cap 3.

ZIMERMAN, David E. OSÓRIO, Luiz Carlos et all. **Como Trabalhamos com Grupos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, cap 3.